



A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS RURAIS DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO-MT

THE PHYSICAL EDUCATION IN RURAL SCHOOLS OF NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO-MT

*Suellen de Arruda Rondon e **Marcos Roberto Godoi

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar a Educação Física nas escolas municipais rurais de Nossa Senhora do Livramento-MT, do ponto de vista de três professoras que atuam nestas escolas. Trata-se de um estudo exploratório, utilizando questionários e dados de documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação. Dentre os resultados, destacamos: necessidade de melhorar a infraestrutura das escolas; redução do número de escolas que cada professor trabalha; oferecer para os alunos um maior número de aulas de Educação Física por semana e realização de concurso público para professores de Educação Física; e investimentos na formação inicial e continuada, contemplando a especificidade das escolas rurais.

Palavras-chave: Educação Física. Escolas rurais. Trabalho pedagógico.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the physical education in the rural schools of Nossa Senhora do Livramento-MT, from the point of view of three teachers who worked in these schools. We perform an exploratory study using a questionnaire and we raised some data in City Department of Education. Among the results, we highlight: the need to improve the infrastructure of schools; reducing the number of schools that each teacher works; to offer students greater number of physical education classes per week and conducting tender for teachers of Physical Education; and investments in initial and continuing training, considering the specificity of rural schools.

Key-words: Physical Education. Rural schools. Pedagogical work.

Recebido em: 20/06/2016
Aprovado em: 12/07/2016

*Suellen de Arruda Rondon
Academia Spa Fit, Luis Eduardo Magalhães, BA
Email: suellen.arruda@outlook.com

**Marcos Roberto Godoi
Universidade de Montreal, Canadá
Rede Municipal de Educação de Cuiabá, MT
Email: mrgodoi78@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Este estudo teve como tema a Educação Física nas escolas municipais rurais de Nossa Senhora do Livramento. Segundo Ferreira (2010), este município mato-grossense faz parte da região de planejamento da Baixada Cuiabana e da Amazônia Legal, o qual foi criado em 21 de maio de 1883, com área proveniente do município de Cuiabá. Localiza-se a 32 km de distância da capital do estado de Mato Grosso e sua extensão territorial é de 5.192,52 Km². De acordo com o Senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011) de 2010, Nossa Senhora do Livramento tinha 11.609 habitantes, sendo que a população rural era de 7.367 pessoas (63,5%), enquanto a população urbana era de 4.242 habitantes (36,5%) (IBGE, 2010). Sendo assim, a população do município é predominantemente rural.

De acordo com Mendes (2011), se na região urbana/cidade a Educação formal demonstra-se precária, na Educação no Campo configura-se o descaso, tornando-se ainda mais esquecida. Isto pode ser evidenciado nos conteúdos que não se vinculam à realidade do meio rural, planejados a partir da escola urbana; na forma de organização do currículo e calendário escolar, que também não leva em conta as especificidades (época de plantio/colheita), alheias à realidade do campo e à vida dos alunos; no despreparo dos professores/as; na falta de infraestrutura das escolas; no descaso com alunos, na dificuldade do seu acesso às escolas devido às grandes distâncias. Deste modo:

(...), quando discutimos uma educação em um mundo em mudança com os desafios que implicam esse processo, não podemos deixar passar a oportunidade de cobrarmos uma dívida histórica para com a população camponesa. Não podemos pensar uma educação para a libertação, quando privamos uma população de seus direitos. A política de educação que está sendo implantada no Brasil, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ignora a necessidade da existência de um projeto para a escola rural (ARROYO e FERNANDEZ, 1999, p. 33-34).

Nas escolas municipais rurais de Nossa Senhora do Livramento a Educação Física era desenvolvida

por professores polivalentes. Mas em 2010 o município passou a contratar professores com habilitação em Educação Física ou em formação, o que é um avanço, pelo menos teoricamente. A Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, em seu art. 26 -- § 3º diz que: “A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996). Sendo assim, a Educação Física passou a ser considerada um componente curricular. Conforme Silva e Venâncio (2005), essa alteração não trouxe as mudanças esperadas, pois a Educação Física não ficou garantida em todas as etapas da Educação Básica, e nem que os professores que ministram essas aulas tenham formação específica. Com algumas exceções, na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, as aulas de Educação Física são ministradas por professores polivalentes (com formação de magistério ou pedagogia).

Deste modo, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: como é o trabalho com a Educação Física nas escolas municipais rurais de Nossa Senhora do Livramento, na opinião das professoras? O objetivo deste estudo foi compreender o trabalho com a Educação Física nas escolas municipais rurais daquele município, segundo a opinião das professoras contratadas. Especificamente, buscamos investigar: a) as características das escolas municipais rurais; b) as características das professoras de Educação Física; c) a organização do trabalho pedagógico; d) as características dos alunos; e) a formação inicial e continuada.

Este estudo justifica-se pela necessidade de compreender melhor a educação do campo e a atuação dos professores de Educação Física nas escolas rurais. A proporção média de pesquisas concluídas durante as décadas de 1980 e 1990 “é de doze trabalhos na área de Educação Rural para mil trabalhos nas demais áreas da Educação” (DAMASCENO e BESERRA, 2004, p. 77). Neste sentido, faz-se importante desenvolver mais estudos nesta área.

MATERIAIS E MÉTODOS

No que se refere à metodologia, este trabalho caracteriza-se por ser um estudo exploratório que, de acordo com Gil:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar

maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, ou a construir hipóteses, pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002, p. 41).



Os sujeitos pesquisados foram três professoras (Prof^a A, Prof^a B e Prof^a C) que lecionavam a Educação Física em 15 escolas municipais rurais em Nossa Senhora do Livramento. Duas destas professoras estavam cursando Licenciatura em Educação Física, e mesmo que não tivessem o diploma, o papel que elas desempenhavam nas escolas era de professora. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com questões objetivas e subjetivas. Além disto, levantamos alguns dados sobre a localização e infraestrutura das escolas municipais rurais, na Secretaria Municipal de Educação (SME) do municí-

pio em questão. A coleta de dados foi realizada no mês de outubro de 2011.

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi apresentada a proposta de pesquisa para as professoras, explicando-se os objetivos e como seria desenvolvida. Além disto, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As professoras concordaram em participar de forma voluntária, assinaram este documento e em seguida responderam a um questionário estruturado, misto, com questões fechadas e abertas. Depois, os dados do questionário foram organizados e passou-se para a fase de análise.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A inclusão de professores com habilitação específica ou professores em formação em Educação Física para atuar com aulas de Educação Física nas escolas municipais rurais de Nossa Senhora do Livramento-MT, foi uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação que ocorreu no ano de 2010.

a) Características das Escolas Municipais Rurais

Em 2012, o município de Nossa Senhora do Livramento tinha um total de 23 escolas, sendo 3 urbanas e 20 rurais. Dentre as escolas rurais, 8 são estaduais e 14 municipais. No entanto, algumas escolas rurais funcionam financiadas pelas redes estadual e municipal de educação. Por exemplo, a Escola Agrícola Gerônimo

de Souza oferece a Educação Infantil e o Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino, sob responsabilidade do município, e Educação de Jovens e Adultos, no período noturno, sob responsabilidade do Estado. Na tabela abaixo apresentamos a escola, a localidade e a distância da cidade.

Em relação ao transporte, é disponibilizado um carro de passeio para o deslocamento das professoras que moram na cidade até a zona rural, que é pago pela prefeitura. Sobre as condições das estradas, tem asfalto em pequenos trechos mais próximos a cidade, sendo a maior parte de terra. Muitas vezes as estradas e pontes estão em condições precárias, principalmente nos períodos de chuva, prejudicando consideravelmente o transporte. As professoras relataram situações em que

Tabela 1: Escolas Municipais Rurais, localidade e distância da cidade

Escola Municipal	Localidade	Distância em km
Agrícola Gerônimo de Souza	Cabocla	112 km
Benedito Pereira Leite	Rio dos Peixes	82 km
Betina Tavares da Silva	Figueiral	47 km
Eliete Pedroso	Pedro	18 km
Henriqueta Rainha de França	Laginha de Cima	56 km
Luis Mendes da Silva	Estrela do Oriente	52 km
Manoel Monteiro	Coxos	90 km
Maria Metelo Duarte Caldas	Cristal e Cascavel	70 km
Monte Hermon	Ninho das Águias	38 km
Saturnino Fortunato de Arruda	Laginha de Baixo	79 km
Vera Pereira do Nascimento	Capão das Antas	50 km
Waldes Teixeira	Lavrinha	16 km
Venceslau da Silva Barros	Quilombo	122 km
Ana Antonia	Tanque Fundo	43 km

Fonte: Secretaria Municipal de Educação



ficaram ilhadas, sem ter como chegar ao destino ou voltar para a cidade, tendo que esperar as águas baixarem.

Sobre a infraestrutura das escolas, somente quatro escolas possuem quadra coberta. Em algumas escolas nem as salas de aula são apropriadas. As aulas de Educação Física são em chão batido, embaixo de árvores, na sala de aula, espaços cobertos ou às vezes a escola ganha areia dos fazendeiros vizinhos para fazer um campo de areia, facilitando o trabalho dos professores. Além disto, no estado de Mato Grosso o clima é muito quente, com temperaturas que são próximas ou superiores a 40° C, quando é assim, alunos e professores de Educação Física sofrem por não ter um espaço adequado, ou seja, uma quadra esportiva ou área coberta para realizar as aulas. Em períodos chuvosos, as aulas práticas também ficam prejudicadas.

À esse respeito, segundo Bracht et al. (2005), o trabalho do professor de Educação Física se depara com a necessidade de melhor equipar as escolas com materiais referentes às aulas, bem como destinar atenção especial à manutenção das instalações adequadas e necessárias para o desenvolvimento das aulas. De acordo com Marin et al. (2010), se as escolas urbanas apresentam estrutura física inadequada, a situação das escolas nas áreas rurais é ainda mais precária. Quanto mais distantes das sedes municipais e das capitais, mais esta inadequação de infraestrutura das escolas se salientam. Marin et al. (2010), citando dados do MEC/INEP 2002/2005, mostra que o percentual de escolas com quadra de esportes no meio urbano em 2005 era de 53,8%, já no meio rural somente 5,6%.

Todas as professoras eram contratadas com carga horária de trabalho semanal de 40h, e atuavam

Tabela 2: Escolas Municipais, número de alunos e locais das aulas de Educação Física em 2012

Escolas Municipais	Nº de alunos	Locais das aulas de Educação Física
Agrícola Gerônimo de Souza	65	Campo de terra e embaixo de árvores
Benedito Pereira Leite	104	Quadra coberta
Betina Tavares da Silva	233	Quadra coberta
Eliete Pedroso	109	Quadra coberta
Henriqueta Rainha de França	74	Campo de futebol
Luis Mendes da Silva	127	Campo de futebol
Manoel Monteiro	70	Campo de terra e embaixo de árvores
Maria Metelo Duarte Caldas	62	Quadra descoberta, campo de terra
Monte Hermon	76	Campo de terra e pátio da escola (com cobertura)
Saturnino Fortunato de Arruda	31	Campo de futebol
Vera Pereira do Nascimento	80	Quadra de areia e campo de futebol de terra
Waldes Teixeira	59	Campo de futebol e área coberta
Venceslau da Silva Barros	62	Quadra de areia e campo de futebol de terra
Ana Antonia	85	Quadra coberta

Fonte: Secretaria Municipal de Educação

em 5 escolas diferentes cada uma delas. O tempo do deslocamento da cidade até a localidade da escola contava em suas cargas horárias de trabalho. Para completar a carga horária semanal, algumas atividades eram realizadas na sede da Secretaria Municipal de Educação, no município.

b) características das professoras

A Prof^a A tinha 23 anos, a Prof^a B tinha 28 anos e a Prof^a C tinha 21 anos, todas elas eram solteiras e a Prof^a B tinha um filho com dois anos de idade. Assim, ela tinha que conciliar o trabalho nas escolas rurais e o

papel de mãe. Não chegamos a investigar este aspecto da maternidade e a relação com a docência, mas este dado serve para termos uma visão geral das características das professoras.

Sobre a formação profissional, todas elas estudaram ou estudavam em faculdades particulares. Uma se formou em 2008, mas as outras duas estavam no processo de formação inicial, tendo que conciliar o trabalho com os estudos no período noturno, sendo que elas deslocavam até as cidades de Cuiabá e Várzea Grande para estudar. Conforme Borges (2005), no Brasil, vários estudantes começam a trabalhar enquanto estão na formação inicial, ocorrendo uma sobreposição da forma-



ção com a experiência e a aprendizagem do trabalho. O ideal seria que as professoras de Educação Física já tivessem concluído o Ensino Superior, mas o município carece de profissionais com formação específica. Entretanto, no final de 2011 o município abriu concurso público para seleção de professores, com vagas para área de Educação Física.

Tabela 3: Formação profissional

	Profª A	Profª B	Profª C
Início	2005	2008	2010
Término	2008	---	---
Especialização	Sim	Não	Não

colas como pedagoga. Já a Profª A tem experiência de três anos e cinco meses e a Profª C um ano. No que se refere à experiência em escolas rurais, a Profª A tem um ano e oito meses e as Professoras B e C têm um ano. Ainda que a Profª B tenha nove anos de experiência em escola, é seu primeiro ano nas escolas rurais. Sendo assim, as professoras encontram-se na entrada da carreira. A fase de entrada na carreira caracteriza-se por um estágio de “sobrevivência” e “descoberta”, traduzindo-se pelo “choque do real”, ou seja:

a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: o tacter constante, a preocupação consigo próprio (“Estou a me agüentar?”), a distância entre os ideais e as realidades cotidianas na sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade de fazer face, simultaneamente, a realidade pedagógica e a transmissão de conhecimentos, a oscilação entre as relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldade com os alunos que criam problemas, com material didático inadequado, etc. (HUBERMAN, 1995, p. 39).

Por outro lado, segundo Huberman, o aspecto da “descoberta” traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os alunos, o seu próprio programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional. Estes aspectos são vividos em paralelo, mas é o segundo aspecto (da descoberta), que permite agüentar o primeiro (sobrevivência / choque do real).

c) sobre a organização do trabalho pedagógico

De acordo com Freitas (2002), a organização do trabalho pedagógico pode ser entendida em dois níveis: a) como trabalho pedagógico que se realiza predominantemente em sala de aula; b) como organização

A Profª A tem um curso de Especialização em Fisiologia do Exercício. Embora a especialização represente uma oportunidade de aprofundamento de seus conhecimentos, a área que ela se especializou contribui muito pouco para o seu trabalho com a Educação Física escolar.

Em relação à experiência profissional, a Profª B é a mais experiente, com nove anos de atuação em es-

global do trabalho pedagógico na escola, como Projeto Político Pedagógico da escola. Neste estudo, daremos ênfase ao primeiro nível.

Sobre o nível de ensino, as professoras lecionavam Educação Física para alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Para atender às 15 escolas municipais, cada uma trabalhava em 5 escolas. Foi organizado um rodízio, sendo que cada turma tinha aulas de Educação Física de duas horas, a cada 15 dias. Nas escolas maiores, com muitos alunos, iam duas professoras, sendo que uma ficava com as turmas de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental e a outra com as turmas finais do Ensino Fundamental.

A SME fez uma proposta para as professoras de Educação Física ficarem três dias da semana em uma mesma escola, mas para isto, teriam que dormir na localidade. No entanto, as professoras recusaram, pois duas estudavam no período noturno, e uma tinha um filho pequeno.

Indagadas como têm sido suas práticas, elas declararam que:

Trabalho com aluno de Educação Infantil até o 9º ano. As aulas são realizadas de acordo com cada série e faixa etária. Realizo brincadeiras lúdicas, jogos com e sem regras, jogos de mesa, construção de brinquedos e materiais esportivos. Os conteúdos estão voltados para os PCNs. Trabalho com os alunos do 6º ao 9º ano aulas teóricas. Conteúdos da Educação Física, como: regras dos jogos, importância da Educação Física, conceitos e atitudes, etc. (Profª A).

As aulas têm sido sucesso: os conteúdos são trabalhados de acordo com cada série, desde a Educação Infantil até o 9º ano. São trabalhadas atividades lúdicas, jogos, dinâmicas, brincadeiras cooperativas. As aulas teóricas são com os alunos do 6º ao 9º ano. Trabalho as regras e desenvolvimento de jogos, importância da Educação Física (Profª B).

Eu procuro diversificar os conteúdos da Educa-



ção Física, trabalho com os jogos, esporte, ginástica, dança (...). Além de trabalhar tanto a teoria como a prática. Mas as vezes não é possível desenvolver alguns conteúdos porque não temos a estrutura adequada e o clima também não ajuda, pois como não temos quadra coberta, é difícil ficar no sol durante muito tempo, e tem a chuva também. Mas os alunos adoram as aulas de Educação Física (Profª C).

Há uma predominância do conteúdo jogos e brincadeiras, com exceção da Profª C, que declarou também trabalhar com ginástica e dança. Todas elas realizam aulas teóricas além das práticas. A Profª A relatou construir materiais e que o PCN é uma referência para o seu trabalho pedagógico. A Profª C evidenciou algumas dificuldades, como a falta de estrutura adequada e o clima que desfavorece as atividades ao ar livre. Destacou também que apesar dos problemas, os alunos gostam das aulas de Educação Física.

Estas respostas mostram as práticas pedagógicas declaradas das professoras. Seria importante um acompanhamento e observação das aulas para saber como acontece o trabalho pedagógico em situação real de ensino, através da observação das aulas. Ainda assim, podemos perceber certo otimismo na opinião delas em relação às aulas, talvez pelo fato de serem contratadas e estarem na entrada da carreira, o que pode ter levado a construírem uma imagem profissional de competência. Mais ainda, suas declarações demonstram um esforço para lidarem com as dificuldades e desenvolverem o seu trabalho, dentro de condições nem sempre favoráveis.

Em relação aos materiais pedagógicos para trabalhar com os alunos, elas informaram que: “Foi disponibilizado para nós vários materiais, sendo: bolas, bambolês, cones, brinquedos. Para nós sempre há materiais para trabalhar. Além de materiais que recebemos da Coordenadoria de Esportes, trabalho também com a construção de materiais reciclados” (Profª A); “A Coordenadoria de Esportes do município disponibiliza todo o material solicitado. Às vezes construímos ou adaptamos materiais para desenvolver as atividades” (Profª B); “Quanto ao material para trabalhar nós temos bastante, a Coordenadoria fornece os materiais pedagógicos, mas mesmo assim, nós construímos também alguns materiais pedagógicos alternativos” (Profª C). Percebe-se aqui o apoio da Coordenadoria de Esportes em relação aos materiais pedagógicos. Ainda, destaca-se a criatividade das professoras, desenvolvendo materiais alternativos para usar nas aulas.

Em relação às suas principais dificuldades para desenvolver a Educação Física nas escolas rurais, elas destacam: “Falta de local adequado para a reali-

zação das aulas” (Profª A); “Aceitação de professores e alunos, estrutura física e transporte” (Profª B); e “É a resistência de algumas professoras pedagógicas, pois antes elas que davam as aulas de educação física, e a infraestrutura e o transporte que não ajudam também” (Profª C).

No início do trabalho das professoras de Educação Física nas escolas rurais houve certa resistência por parte das professoras regentes e alunos, pois para ambos a Educação Física era vista apenas como “jogo de bola” (futebol) e brincar, ademais, as aulas eram ministradas pelas professoras polivalentes (pedagogas). Quando se iniciou este projeto, as professoras pedagógicas perderam uma parte da carga horária de trabalho, opondo-se a necessidade de contratar professores de Educação Física.

Nas escolas menores, as aulas são desenvolvidas com turmas mistas (meninos e meninas) e multisseriadas (com alunos de várias séries ou turmas, com idades diferenciadas). Embora isto pudesse ser uma dificuldade para o trabalho, não foi verbalizado pelas professoras e nem mesmo a intensificação do trabalho, pois elas têm mais diários para fazer com uma quantidade maior de turmas.

Em pesquisada realizada nas escolas municipais rurais de Santa Maria-RS, Marin et al. (2010), atestam que algumas das dificuldades relatadas pelos professores de Educação Física referentes ao contexto escolar foram: o acúmulo de atividades para além da carga horária; a dificuldade de relacionamento entre os professores da área de Educação Física e a deles com a das outras áreas; além da desvalorização da disciplina.

d) características dos alunos das escolas rurais

A quantidade de alunos varia de escola para escola, no período matutino é ofertada a Educação Infantil, já no período vespertino, o Ensino Fundamental. Sobre as características dos alunos, a visão predominante das professoras é a de que os estudantes do meio rural são “carentes”, que lhes falta algo, como: “atividades”, “carinho”, “amizade”, “vivência”, “renda”; o que demonstra uma limitação na forma de entendimento da cultura dos alunos que vivem no campo.

Os alunos da zona rural ou a juventude do campo no Brasil ainda são pouco pesquisados. Quando surgem estudos, tendem a vê-los como aprendizes de agricultores, o que os tornam adultos precoces (CARNEIRO apud SILVA, 2002). De acordo com Machado Pais (apud SILVA, 2002), é preciso compreender a juventude para além das suas “possíveis ou relativas similaridades” e compreendê-las nas suas “diferenças sociais”.



Silva (2002), em pesquisa realizada no meio rural de Chapada do Norte-MG, região Vale do Jequitinhonha, constatou que os jovens rurais deste município estão vivendo experiências de elaborar e reelaborar práticas e valores dos universos culturais, rural e urbano, de tal maneira que existem diferentes grupos e subgrupos: a) Estudantes: sustentados/família ou apadrinhamento; estudantes-trabalhadores (com remuneração ou sem remuneração); estudantes-trabalhadores-agentes culturais (grupo de teatro); estudantes-trabalhadores-agentes religiosos (grupo de jovens católico ou protestante); b) Não-estudantes: migrantes sazonais; trabalhadores-pais (solteiros ou casados); c) Estudantes temporários/sazonais: migrantes (cana-de-açúcar ou café); pais (solteiros ou casados) (SILVA apud SILVA, 2002).

Freire e Shor (1986, p. 21), destacam que “o primeiro pesquisador, na sala de aula, é o professor que investiga seus próprios alunos”. Eles destacam a importância de aprender sobre os estudantes, aprender seus verdadeiros níveis cognitivos e afetivos, como é sua linguagem autêntica, que grau de alienação trazem para o estudo crítico e quais as suas condições de vida, como fundamentos para o diálogo e o questionamento. Acrescentamos também, a importância do professor de Educação Física pesquisar sobre a cultura corporal destes alunos, o que fazem nos momentos de lazer, quais são seus interesses, seus potenciais, suas necessidades etc.

Além disto, para Arroyo e Fernandes (1999), compreender a cultura dos estudantes do meio rural é importante porque:

Uma escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população. A sua localização é secundária, o que importa são suas proximidades política e espacial com a realidade camponesa (ARROYO e FERNANDES, 1999, p. 33).

Confirmando esta ideia, Caldart (2002, p. 26) defende que a educação deve ser no e do campo, **no** porque “o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive”; **do**, pois “o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”.

e) formação inicial e continuada

As professoras pesquisadas informaram que os conhecimentos da formação inicial contribuem pouco para o trabalho nas escolas rurais. Sobre esta questão, Borges (2005) constatou que os professores

consideravam que os conhecimentos aprendidos na formação inicial não servem ou servem muito pouco para o exercício da profissão. Os docentes julgavam ter aprendido a ensinar dentro de suas práticas profissionais. Deste modo, é necessário ampliar o grau de conhecimento dos professores, mas também de considerar sua prática pedagógica como local de formação e de produção de saberes mobilizados em suas práticas profissionais.

As participantes disseram que têm poucas oportunidades de trocar informações e experiências com as colegas de trabalho. De acordo com Jackson (apud. SACRISTÁN, 1997, p. 70), “os professores são um tipo de pessoas que falam pouco de seu ofício entre si e de como o melhorar, que transmitem pouco a sua experiência profissional”.

Em relação a como elas buscam informação para auxiliar no seu trabalho pedagógico, as professoras falaram que é através de trocas de experiências com colegas de trabalho, livros e internet. A procura de informação por parte dos professores no início da carreira é ainda pouco estudado, mas vários autores afirmam que eles recorrem a redes de apoio informais para partilhar problemas, recursos, fracassos e êxitos. Esta busca, na maioria das vezes, ocorre fora da escola. Isto porque se teme o descrédito que se pode provocar com a confissão das dificuldades e o pedido de auxílio (CAVACO, 1997).

No que tange a necessidade de formação continuada, elas responderam que: “Gostaria de aprender conteúdos adaptados, ou seja, atividades adaptadas em locais que não tem suporte” (Profª A). “Gostaria de aprender conteúdos que envolvessem atividades adaptadas” (Profª B); “Eu preciso participar de cursos com atividades que podem ser aplicadas com crianças da zona rural, que sejam adequadas para a realidade delas” (Profª C).

As professoras indicam que a formação continuada deveria abranger aprendizagem de atividades/conteúdos que possam ser desenvolvidos de forma adaptada ao contexto que elas trabalham. No entanto, elas não verbalizaram a necessidade de transformar o contexto de trabalho das escolas, ou seja, construir ou criar locais apropriados para a realização das aulas de Educação Física. Talvez pelo fato da própria condição de trabalho e vínculo profissional, sendo contratadas e não concursadas. Concordamos com Nóvoa (apud. BRACHT et al., 2005), de que não basta mudar o profissional, é preciso mudar também os contextos em que ele intervém. As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar o trabalho com a Educação Física nas escolas rurais do município de Nossa Senhora do Livramento. A contratação de professores com habilitação específica por parte da Secretaria Municipal de Educação para atuar com as aulas de Educação Física é um avanço. No entanto, alguns entraves precisam ser resolvidos para melhorar as condições de trabalho e a qualidade das aulas.

As professoras dispõem de materiais pedagógicos para as aulas, mas a infraestrutura das estradas e das escolas precisam ser melhoradas, com a construção ou criação de espaços adequados para a prática da Educação Física. O município carece de profissionais formados na área e contratou estudantes de Educação Física, que estão no processo de formação inicial, e precisam, portanto, de acompanhamento de um profissional mais experiente. Foi aberto concurso público para preenchimento das vagas, isto pode ser indicativo de maior atenção com a educação do campo e combate a precarização do trabalho. Pois o concurso possibilita a progressão profissional através de um plano de carreira. Além disso, tal plano poderia prever gratificação para os professores que atuam no campo, como uma forma de incentivo.

Em relação à organização do trabalho pedagógico, elas trabalham com turmas multiseriadas e desenvolvem conteúdos práticos e teóricos. Há também muita rotatividade entre escolas, num rodízio que oferece aulas de Educação Física a cada 15 dias, durante duas horas. Seria importante ampliar o número de profes-

res para oferecer mais aulas de Educação Física, pelo menos duas aulas por semana. Além disso, a rotatividade nas escolas é uma barreira para maior envolvimento das professoras nos contextos escolares.

As professoras percebem os alunos das escolas rurais como “carentes”, demonstrando uma limitação no entendimento da cultura destes alunos. Deste modo, carece investigar melhor a cultura do campo, com o intuito de aprender sobre seus alunos, bem como estudar sobre a concepção de educação do e no campo, para oferecer uma educação/ Educação Física que leve em conta suas potencialidades, interesses e necessidades.

Os conhecimentos da formação inicial contribuem pouco para o trabalho nas escolas rurais. As professoras de Educação Física dispõem de pouco tempo nas escolas para a troca de informações e experiências com as colegas de trabalho. Elas necessitam de cursos de formação continuada que as instrumentalizem para desenvolver atividades/conteúdos adaptados à realidade das escolas do campo.

O estudo evidenciou avanços, dificuldades e necessidades da Educação Física nas escolas rurais. É importante compreender mais, investir e promover mudanças na educação do e no campo. Para isto, universidades, secretarias de educação, professores e comunidades escolares precisam se unir com o propósito de encontrar caminhos para superação dos problemas. Por essa via, entendemos que é possível fortalecer os diferentes sujeitos envolvidos no processo, para melhoria do trabalho pedagógico nas escolas do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A Educação Básica e o movimento social do campo**. V. 2. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BORGES, C. A formação dos docentes de Educação Física e seus saberes profissionais. In: BORGES, C.; DESBIENS, J-F. (orgs.). **Saber, formar e intervir para uma Educação Física em mudança**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 157-190.

BRACHT, V. et al. **Pesquisa em ação: Educação Física na escola**. 2 ed. Ijuí-RS: EdUnijuí, 2005.

CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo”, 2002.



CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1997, p. 155-191.

DAMASCENO, M. N.; BESERRA, B. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 73-89, jan./abr. 2004.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios na história**: Nossa Senhora do Livramento. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 2010.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, L. C. de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995, p. 31-61.

IBGE. **Sinopse dos resultados do Senso 2010**. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=51&cod2=510610&cod3=51&frm=urb_rur; Acesso em: 12/11/2011.

MARIN, E. C. et al. Educação Física no contexto rural: perfil dos professores e prática pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 231-246, jan. 2010.

MENDES, M. M. Educação do campo: que saberes e quais as suas práticas escolares?! XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Porto Alegre: **Anais...** 2011.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1997, p. 63-92.

SILVA, E. V. M. e; VENÂNCIO, L. Aspectos legais da Educação Física e integração à proposta pedagógica da escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coords.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 50-63.

SILVA, V. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 97-115, agosto/2002.